



A presença mística de Cristo na assembleia litúrgica: Ele está no meio de nós

*The mystic presence of Christ at the liturgical assembly:
He is in our midst*

Marta Chiara e Silva

Resumo

O tema liturgia tem sido alvo de constante debate e questionamentos no meio eclesial. O apagamento da dimensão mistagógica na transmissão das verdades da fé, ao longo dos séculos, produziu profundas sequelas na vivência cristã contribuindo para que, ainda hoje, muitos cristãos, percebam e vivenciem a liturgia apenas no seu aspecto externo, numa prática feita de hábitos e obrigações, que, por vezes, chega até a beirar a mentalidade mágica. O fascínio pela liturgia, ao invés, nasce da descoberta daquilo que se está celebrando, a passagem do Ressuscitado na história, no tempo de cada existência humana. Neste sentido, a liturgia não é apenas uma série de coisas a serem cumpridas, observadas, preparadas, a liturgia é uma Pessoa a ser encontrada, ou melhor, uma Pessoa que se deixa encontrar. O objetivo desse trabalho é contribuir para o despertar de uma nova mentalidade na vivência celebrativa desse Mistério, visto que, a participação consciente e pessoal, com um olhar a partir da fé, é condição *sine qua non* para que a celebração se torne fecunda e transforme a vida do fiel. O caminho percorrido para construção dessa reflexão seguiu a trilha do Concílio Vaticano II, no seu retorno às fontes da Revelação, bíblica e patrística.

Palavras-chave: Liturgia. Mística. Cristo. Salvação. Espiritualidade.

Abstract

The theme liturgy has been a subject of debate and questioning at the ecclesial midst. The erasure of the mystagogic dimension, on the passing of faith's truths throughout centuries, has brought up deep sequelae for the



Cristian practice that has led to a superficial perception and experience of the liturgy, almost as if it was only about habits and obligations to the point of magical mentality. The enchantment for the liturgy, quite to the contrary, emerges from the discovery of what has been celebrated, the passage of the Resurrected in history, in each human existence's time. Thus, the liturgy is not only a series of things to be done, observed and prepared, but above all it is a Person to be met or, even more, a Person who lets themselves to be encountered. The aim of this article is to contribute for the awakening of a new mentality in the mystery of the celebratory experience, as a personal conscious partaking through a standpoint with faith is a vital condition in order for the celebration to become fertile and to promote a change in the lives of the faithful. The path chosen for this article's reflection was that of the Vatican Council II, especially from the source of Revelation, Biblical and Patristic.

Keywords: Liturgy. Mystic. Christ. Salvation. Spirituality.

Introdução

O tema liturgia tem sido alvo de constante debate e questionamentos no meio eclesial. A onda de polarização que divide as opiniões não deixou ileso nem mesmo esta realidade fundamental para a vida e missão da Igreja. De um lado, encontram-se os nostálgicos de uma situação passada, apegados a celebrações litúrgicas imponentes, ao retorno do uso do latim nas celebrações etc. Do outro lado, os que a consideram um rito do passado, distante das exigências do nosso tempo, pois não encontram sentido naquilo que estão celebrando. Assim, o que foi feito para unir se tornou motivo de indiferença, de discussões e polêmicas e, às vezes, até de conflitos e divisões entre estudiosos, entre o clero e, também, entre os fiéis.

O apagamento da dimensão mistagógica na transmissão das verdades da fé, ao longo dos séculos,¹ produziu profundas sequelas na vivência cristã,

¹ Por volta dos séculos VII e VIII, começou o afastamento progressivo da vida sacramental em relação à evangelização e ao seu ambiente litúrgico natural. Esse afastamento deu-se também com o ingresso das populações bárbaras na Igreja. A língua litúrgica (o latim) já não era compreensível para essas populações, enquanto os textos bíblicos continuavam a ser lidos naquela língua. A falta de contato dos fiéis com os livros bíblicos gerou o progressivo empobrecimento ocorrido no começo da Idade Média. Esse processo de afastamento acentuou-



contribuindo para que, ainda hoje, muitos cristãos percebam e vivenciem a liturgia apenas no seu aspecto externo, numa prática feita de hábitos e obrigações que, por vezes, chega até a beirar a mentalidade mágica. Para muitos, a liturgia está associada apenas a ritos, regras, rubricas, arrumações, àquilo que se pode ou não se pode fazer. A familiaridade com gestos e expressões, a postura de passividade diante do rito, a atenção desviada para aspectos secundários da ação litúrgica, a repetição de fórmulas profundas sem a consciência básica do mistério que se está celebrando, são alguns dos fatores que conduzem ao distanciamento daquele que é o sentido mais profundo e verdadeiro da natureza litúrgica.

O encanto pela liturgia, ao invés, nasce da descoberta daquilo que se está partilhando, daquilo que é a sua verdadeira essência, a celebração do mistério pascal de Cristo, o coração pulsante da própria Revelação. Sendo assim, parece necessário libertar a liturgia das amarras e condicionamentos de uma visão que, muitas vezes, mostra-se unilateral, superficial, a fim de possibilitar uma aproximação do seu sentido mais autêntico, o *mysterion* que se esconde por trás dessa realidade; visto que, a participação consciente e pessoal, com um olhar a partir da fé, é condição *sine qua non* para que a celebração litúrgica se torne fecunda e transforme a vida do fiel.

O objetivo desse trabalho é contribuir para o despertar de uma nova mentalidade na vivência celebrativa desse Mistério. Entretanto, diante da amplitude e complexidade do tema, serão evidenciados apenas alguns pontos considerados importantes. O caminho percorrido para a construção dessa reflexão seguiu a trilha traçada pelo Concílio Vaticano II, no seu retorno às fontes da Revelação, bíblica e patrística.

Inicialmente, serão postos em relevo alguns sinais que conduziram a Igreja a uma nova orientação litúrgica no Vaticano II. Depois, será apresentada a etimologia da palavra liturgia e a sua definição teológica. Em seguida, a liturgia será situada na economia da salvação, no tempo da promessa, no tempo do cumprimento e no tempo da extensão culminando no “hoje” da liturgia eucarística, nos momentos em que a presença mística de Cristo se explicita quando a assembleia eclesial faz a profissão de fé: Ele está no meio de nós.

se ainda mais nos séculos seguintes, acarretando o surgimento de devoções populares etc. (ROCCHETTA, C., Os sacramentos da fé, p. 9-10).



1. O Concílio Vaticano II e o retorno às fontes da Revelação

Até o Concílio Vaticano II, a liturgia era percebida mais nas suas normas e formas ritualistas, estando centrada praticamente na pessoa do ministro sagrado. O incentivo à participação dos fiéis estava relegado a segundo plano. Nos séculos anteriores, a Igreja havia atravessado momentos dramáticos com a Reforma protestante (1517-1648) que resultou na divisão dos cristãos. Para tentar conter a onda da expansão protestante, a Igreja católica responde com a contrarreforma, convoca o Concílio de Trento (1545-1563) com o objetivo de restabelecer a unidade da fé cristã, bem como a disciplina eclesiástica em contraposição à doutrina protestante.²

A renovação litúrgica, entretanto, sempre foi um desejo da Igreja ao longo dos séculos. Direcionando o olhar para o período imediatamente anterior ao Vaticano II, a partir do séc. XIX, é possível entrever alguns sinais que se intensificaram através do movimento litúrgico (1909-1959), impulsionado por vozes³ que anteciparam e exigiam uma nova orientação conciliar. A Igreja está em um momento novo, entende que precisa estar a serviço da humanidade, precisa renovar-se, abrir-se para o diálogo com o mundo moderno, com as outras Igrejas cristãs e com outras tradições religiosas.

Assim, com o desejo de promover essa renovação, João XXIII convoca o Concílio Vaticano II (1962-1965), que, no seu retorno às fontes da Revelação, promove na Igreja a redescoberta da sua eclesiologia de comunhão, já estimulada pelos Padres da Igreja, mas esquecida havia séculos, durante os quais prevaleceu uma eclesiologia mais focada em seu aspecto doutrinário e jurídico-institucional.⁴ Desse modo, a preocupação com a renovação litúrgica, no Vaticano II, foi tal que o primeiro documento a sair da sala conciliar foi a Constituição *Sacrosanctum Concilium* (SC),⁵ o mais importante e decisivo documento litúrgico publicado até hoje, promulgado por Paulo VI.

A reforma litúrgica, resultante do trabalho conciliar, não foi tanto ou somente uma mudança formal, mas foi expressão de uma mudança substancial,

² VENARD, M., O Concílio Lateranense V e o Tridentino, p. 340-363.

³ Teólogos como Teilhard de Chardin (1881-1955) encontram e denunciam, no ensinamento da doutrina e na piedade dos fiéis, alguns traços de maniqueísmo e dualismo, atitudes de resignação diante da cruz, uma concepção individualista da salvação, mal-estar dos leigos diante de uma espiritualidade concentrada no culto e na reta intenção (DE FIORES, S., A “nova” espiritualidade, p.16-17).

⁴ ALBERIGO, G., O Concílio Vaticano II, p. 393-395.

⁵ ALBERIGO, G., O Concílio Vaticano II, p. 401-402.



uma mudança paradigmática na medida em que se abordou a liturgia a partir da sua natureza, do seu Mistério. Pode-se dizer que a reforma litúrgica foi a expressão externa e visível de um modo novo de perceber-se como Igreja, de dizer-se e de apresentar-se ao mundo. Neste sentido, a reforma litúrgica já era uma tradução ritual da eclesiologia de comunhão que se delineou mais adiante pelo Concílio e, de modo particular, pela Constituição *Lumen Gentium* (LG).

Ao abordar a natureza da liturgia, os padres conciliares não se preocuparam em definir conceitos, mas em buscar a inspiração para essa compreensão nos textos bíblicos e patrísticos. Assim sendo, a SC se configura como uma costura de teologia bíblica, isto é, o pensamento bíblico dialogando com a liturgia.

O Concílio preocupou-se também em situar a liturgia no contexto da economia da salvação, dos pais aos profetas, do mistério de Cristo e da Igreja e renovou a compreensão de que a liturgia, antes de ser o coração pulsante da Igreja, é o coração pulsante da própria Revelação.⁶ Por isso, o Sacrossanto Concílio julgou seu dever cuidar de modo especial da reforma e do incremento da liturgia.⁷

Uma vez traçado, em linhas gerais, os fatos históricos que conduziram a Igreja para uma nova compreensão do mistério pascal de Cristo como centro de sua liturgia, será abordado, a seguir, o sentido teológico da liturgia, partindo da etimologia da palavra.

2. Etimologia da palavra liturgia e seu sentido teológico

A palavra liturgia se origina do termo grego *leitourgia*.⁸ Um termo composto formado pela junção de dois termos *leitos* + *ourgia*. *Leitos*, por sua vez, vem do nominativo grego *laós* que significa povo, aquilo que é do povo, que pertence ao povo e, o que é do povo, é público. E *ourgia* vem de *érgon* que significa trabalho, obra, ação. Liturgia designa, portanto, uma ação em benefício da comunidade, tanto no campo social como no campo político ou religioso. A *Septuaginta* aplicou o termo, sobretudo, ao serviço cültico do Templo. E é somente a partir do século XIX d.C. que a tradição cristã, sobretudo na Igreja ocidental, começou a usar a palavra “liturgia” com o sentido que lhe damos agora, ou seja, são as celebrações da Igreja em suas três

⁶ SC 5.

⁷ SC 3.

⁸ MALHADAS, D.; DEZOTTI, M. C. C.; NEVES, M. H. M. (Orgs.), Dicionário Grego-Português, p.118.



realidades constitutivas: a celebração da Eucaristia e dos demais sacramentos, a Liturgia das Horas e o Ano Litúrgico.⁹

Em seu sentido teológico,¹⁰ a liturgia possui uma dimensão trinitária, é o mistério de um Deus Uno e Trino, por isso é uma realidade comunitária, pública, eterna, divina. Na obra da Santíssima Trindade, o Pai é o autor da obra, mas o Filho, por meio da sua encarnação, vida pública e pelo mistério pascal de sua paixão, morte e ressurreição e gloriosa ascensão, é quem efetivamente concretiza esta obra e a leva à plenitude. Nessa dinâmica, a obra do Pai é a obra do Filho, o Filho trabalha junto com o Pai na obra da salvação.

Essa realidade pode ser percebida, de forma implícita, nas palavras de Jesus quando afirma: “Meu pai trabalha até agora e eu também trabalho” (Jo 5,17); ou seja, ele se associa a essa obra, entra na sinergia operativa do Pai, pois assegura: “Eu e o Pai somos um” (Jo 10,30). Jesus tinha plena consciência de que toda a sua vida era uma obra, desde o seu primeiro ato público até o seu último respiro na cruz, quando afirmou: “Está consumado! E, inclinando a cabeça, entregou o espírito” (Jo 19,30). Com estas palavras, o apóstolo João não quer dizer simplesmente que Jesus morreu, mas que ele transmitiu o seu Espírito para a Igreja e para o mundo. Ele tinha que partir (a cruz foi um parto) para que o Espírito Santo pudesse vir: “Se eu não for, o Paráclito não virá a vós. Mas se for, enviá-lo-ei a vós” (Jo 16,7).

Assim, o Espírito do qual Jesus estava pleno foi transmitido à Igreja. “Cristo ressuscitado, ao dar o Espírito Santo aos Apóstolos, confia-lhes seu poder de santificação: eles tornam-se assim sinais sacramentais de Cristo”.¹¹ E, dessa forma, a obra de Cristo se prolonga na liturgia da Igreja, através dos sacramentos, nos quais Cristo significa e realiza o seu mistério pascal.¹² Nela, a fonte é o Pai, e o Filho é o mediador, pois não há oração que chegue ao Pai, se não for pelo Filho (1Tm 2,5). “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida. Ninguém vem ao Pai a não ser por mim” (Jo 14,6).

Contudo, não pode haver oração crística se o Espírito Santo não intervier diretamente. A liturgia é, portanto, o operar do Pai, é o dinamismo eterno, entre o Pai e o Filho, no Espírito, que se derrama na história de forma contínua. Assim, na liturgia, o Filho se apresenta como mediador, e o Pai se apresenta agora como destinatário, porque ele é fim, tudo se destina a ele.¹³ Na vida

⁹ ADAZÁBAL, J., Vocabulário básico de liturgia, p. 207.

¹⁰ LÓPEZ MARTÍN, J., liturgia, p. 520-521.

¹¹ CEC 1087.

¹² SC 6.

¹³ CEC 1077-1083.



Trinitária, nenhuma Pessoa está em função de si mesma. A mesma dinâmica ocorre no mistério da liturgia. Nesta, Jesus aponta para o Espírito, o Espírito torna Jesus presente, e os dois fazem com que o culto seja dirigido ao Pai. A liturgia é, portanto, um evento trinitário.

Mas, a liturgia é também eclesial/*ekklesia*, nela, o povo de Deus é convocado a participar dessa obra de salvação da sua redenção com um coração palpitante e, por isso, ela é também missionária, ou seja, impele os batizados a manifestarem no mundo a graça recebida através do serviço/*diakonia* aos irmãos na caridade. E ela é também escatológica, tende à sua plena realização na glória, na Jerusalém Celeste; é a expressão do *já e não ainda*, na expectativa do retorno de Cristo, na Parusia. E, em Maria, encontra-se o modelo de exemplaridade para Igreja, na fé e na caridade, na escuta da Palavra, na oração, na oblação, na santificação.¹⁴

Por tudo isso, parece oportuno situar, por meio de algumas reflexões bíblicas do Antigo Testamento (AT) e do Novo Testamento (NT), a realidade da liturgia no amplo quadro da economia da salvação, a fim de identificar as etapas progressivas da manifestação e comunicação de Deus com os homens e mulheres, pois a história humana é o *locus* no qual e através do qual se cumpre o mistério de salvação.

3. A liturgia à luz da economia da salvação

A liturgia cristã está intimamente vinculada ao desígnio universal da salvação de Deus para a humanidade, para a criação e todo o cosmo. Salvação aqui percebida não de forma unilateral, isto é, voltada para o sentido negativo como salvar da morte, do pecado, de uma desgraça; mas percebida em seu sentido mais amplo, bíblico, como participação na vida de Deus. Foi isso o que Adão perdeu: “Onde estás? Adão havia se escondido porque estava nu” (Gn 3,8-9). Esse escondimento provocou a perda da salvação e a perda da salvação gerou a morte, a impossibilidade de participar da vida de comunhão com Deus.

Contudo, Deus quer que todos os homens e mulheres participem da sua vida de comunhão. Esse é, desde sempre, o seu projeto para a humanidade, que todos entrem nesse circuito de amor com ele. A obra da salvação, preanunciada por Deus, é realizada em Cristo. A obra de Cristo, por sua vez, continua na Igreja e se coroa na sua liturgia, na qual o mistério pascal de Cristo é atualizado,

¹⁴ CASTELLANO, J., Liturgia e vida espiritual, p. 118-122.



comemorado e comunicado. A liturgia é, portanto, a “obra da Redenção humana e da perfeita glorificação de Deus”.¹⁵

Assim sendo, o tempo da promessa se configura como o início dessa manifestação e autocomunicação de Deus com o ser humano que será identificado aqui a partir das características da fé e da dinâmica cultural do povo de Israel: o primado da fé revelada, a sua vocação e as dimensões de sua liturgia.

3.1. No tempo da promessa

A característica fundamental do ponto de vista da fé e da dinâmica cultural de Israel é que Deus se revela. A Escritura mostra um Deus que quer se revelar, “tirar o véu”, mostrar a sua face.

Iahweh disse: Eu vi, a miséria do meu povo que está no Egito. Ouvi o seu grito por causa dos seus opressores; pois eu conheço as suas angústias. Por isso, desci a fim de libertá-lo da mão dos egípcios, e para fazê-lo subir desta terra para uma terra boa e vasta, terra que mana leite e mel, o lugar dos cananeus, dos heteus, dos amorreus, dos ferezeus, dos heveus e dos jebuseus (Ex 3,7-8).

A passagem bíblica começa dizendo: “eu vi”, então não é Israel que vê Iahweh, é Iahweh que vê Israel. “Eu vi a miséria do meu povo, ouvi o seu grito” (Ex 3,7). Esse Deus é um Deus vivo, pois só quem está vivo é que pode ver e ouvir, e, uma vez que Ele vê e ouve, toma uma decisão: desce. Aqui percebe-se a eleição de Deus por Israel, é como se essa situação de aflição provocasse Iahweh para descer e Ele desce gratuitamente.

Sendo assim, o primeiro movimento da Revelação se configura como um movimento de descida/*Katabático*. Isso é simplesmente inédito, pois jamais havia acontecido algo similar no âmbito de qualquer religião. Nas religiões primitivas pagãs é o ser humano que, por necessidade, dirige-se à divindade a fim de sobreviver. Esse deus, muitas vezes, é uma projeção do medo do ser humano devido a sua impotência diante das forças da natureza. Por isso, ele precisa aplacar a ira desse deus e, por medo, cultua-o pedindo-lhe proteção.¹⁶ Israel, ao invés, recebe a Revelação de Alguém que vem. Nesse caso, não é o ser humano que busca o divino com suas próprias forças, mas é o próprio Deus que desce e se revela.

¹⁵ SC 5.

¹⁶ ELIADE, M., O Sagrado e o profano, p. 103-106.



Nesse movimento *Katabático*, o Deus de Israel entra na história, cria uma História de salvação. O Eterno se torna tempo. Esse Deus é Alguém, é um Ser; depois a fé cristã vai dizer que esse Alguém é uma Pessoa. O movimento central da Revelação é como uma batida cardíaca contínua, bate para gerar a vida. Pode-se dizer que esse movimento é o coração do culto de Israel. Essa pulsação de amor que faz com que Iahweh desça para que Israel suba/movimento *anabático*. O Deus de Israel é um Deus completamente envolvido, é um Deus apaixonado.

A narrativa bíblica prossegue: “Assim falou Iahweh, o Deus de Israel: Deixa o meu povo partir, para que me façam uma festa no deserto” (Ex 5,1). Nessa passagem bíblica, pode-se entrever um fundo cútico, a liturgia como coração, como causa da libertação. No sentido histórico-salvífico, Iahweh provoca Israel para caminhar para frente, em um movimento de saída/*êxodo*. Em seguida os convoca em assembleia/*ekklesia* para dizer: vocês são o meu povo.

Provocar e convocar, entretanto, são tarefas de Iahweh. A partir de então, entra uma parte essencial, a de Israel que precisa se reunir para fazer memória/*zikkaron*. Israel é chamado a evocar Deus e suas ações a cada dia, a cada sábado, a cada ano, e essa evocação se dará no culto. Essa dinâmica vai ser contínua. O povo vai ser continuamente provocado e convocado para fazer memória do evento da libertação, evento paradigmático da história de Israel que no culto se torna presença efetiva. A vocação de Israel é, portanto, essa; e se expressará no culto.

Israel tem consciência de que é um povo convocado e que sua expressão de fé é, sobretudo, comunitária. O povo é sacerdotal: “Vós sereis para mim um reino de sacerdotes, uma nação santa” (Ex 19,6).¹⁷ Para Israel, essa compreensão primeira é fundamental, pois tudo que diz respeito ao culto, aos ritos e à expressão de fé, é vivida numa dimensão comunitária. Porém, a liturgia possui uma dimensão holística, isto é, reza-se com o olhar, com a escuta, com o olfato, com o corpo, quando se levanta, quando se senta, quando se ajoelha. A dimensão comunitária sem a dimensão interior ficaria incompleta, só exterior. No entanto, é preciso estar inteiro na relação: “Este povo me glorifica com os lábios, mas o seu coração está longe de mim” (Is 29,13).

A liturgia é também profético-escatológica,¹⁸ ou seja, os profetas irão anunciar uma nova e definitiva aliança (Jr 31,31-34; Ez 36,22-32); um novo êxodo, uma nova libertação, análoga à do passado, mas infinitamente maior

¹⁷ TORRELL, J. P., Um povo sacerdotal, p. 13.

¹⁸ ROCCHETTA, C., Os sacramentos da fé, p. 37-38.



com a libertação do pecado e a inauguração do reino messiânico, no qual a salvação será dirigida a todos os povos da terra (Jr 31,1-22; Is 43,16-21; Sl 106); uma nova criação, “haverá um novo céu e uma nova terra” (Is 65,17-25) e todos conhecerão o Senhor que criou o universo e conduz a história.

Deus é presente continuamente, ele continua descendo, ele desce sempre, é o Eterno que se faz carne, “E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós...” (Jo 1,14). Chega-se, assim, no tempo do cumprimento.

3.2. No tempo do cumprimento

Sem os elementos fundamentais da vivência cultural em Israel é impossível perceber a experiência do culto em Jesus. As narrativas bíblicas testemunham que Ele frequentava a Sinagoga, rezava os Salmos e participava das festas anuais etc. Os *Salmos* eram a oração privilegiada na sua relação com o Pai. Através dos Salmos, Ele fazia a sua *berakah*, expressava o seu louvor, a sua ação de graças ao Pai. Ele viveu, amadureceu e suas últimas palavras antes de morrer foram um salmo (Lc 23,46; Sl 31,6). Ele também fazia memória/*zikkaron*, pois se recordava da Aliança que Deus havia feito a Abraão, por isso participava do *shabbat*, dia em que Israel recorda o Deus da salvação (Lc 4,16-21). E participava também das festas anuais/*sukot* em vista da criação (Jo 7,2).¹⁹

Entretanto, em relação ao culto do seu tempo, percebia-se, na sua postura, uma linha de continuidade na descontinuidade, de dependência na liberdade, de obediência na transgressão. Em sua Pessoa, percebe-se uma dinâmica perfeitamente equilibrada que consegue conjugar os opostos. Por um lado, Ele dá continuidade ao culto do seu tempo, isto é, não inventa um culto novo, diferente: “Eu não vim revogar a Lei ou os Profetas, mas dar-lhes pleno cumprimento” (Mt 5,17). Ele foi circuncidado e apresentado ao Templo (Lc 2,21-23); participou da peregrinação anual, foi com os pais ao templo (Lc 2,41-50); foi batizado (Mc 1,9-11); participou do culto sinagoga aos sábados: “Hoje se cumpriu aos vossos ouvidos essa passagem da Escritura” (Lc 4,17-21).

Por outro lado, Ele criticava o culto meramente formal e desintegrado da vida, incapaz de expressar o amor a Deus e a misericórdia para com o próximo, “é o amor que eu quero e não sacrifícios” (Mt 9,10-13). Jesus não é contra os rituais de sacrifício, mas, para ele, se o culto prestado for desconectado do amor ao próximo, esse sacrifício se torna inútil diante de Deus (Mc 3,1-6). Jesus era

¹⁹ DI SANTE, C.; Liturgia Judaica, p. 17-34.

leitor das Escrituras Sagradas, dá continuidade aos profetas, “o zelo por tua casa me devorará” (Jo 2,13-17; Sl 69,10; Os 6,6; Am 5,21).

Toda a sua existência foi um autêntico culto ao Pai. Ele é a perfeita alteridade; seus gestos, palavras e ações são sinais que sempre apontam para o Pai, não apontam para Ele. “Eu sou o caminho, a Verdade e a Vida. Ninguém vem ao Pai a não ser por mim. Felipe, quem me vê, vê o Pai” (Jo 14,6.9). E o que era visível na sua vida terrena passou para os sacramentos.²⁰ Sua humanidade aparece, assim, como o “sacramento”, isto é, o sinal e instrumento do Pai.²¹ Nesse sentido, podemos dizer que a vida de Jesus foi uma liturgia, pois todo ato litúrgico é dirigido ao Pai, por Cristo na unidade do Espírito Santo.

Dessa forma, Jesus leva a pleno cumprimento o culto judaico, porque Ele mesmo, na sua Pessoa, é a Plenitude: “quando, porém, chegou a plenitude do tempo, enviou Deus o seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a Lei, para resgatar os que estavam sob a Lei a fim de que recebêssemos a adoção filial” (Gl 4,4). A Plenitude dos tempos não é só o cumprimento do *kairós*, o tempo da graça que chegou à plenitude, mas Ele mesmo, o enviado na plenitude, é a própria Plenitude. Todo o culto veterotestamentário estava direcionado para Jesus, ele é a plenitude de Abraão, de Moisés, dos Profetas. “E, começando por Moisés e percorrendo todos os Profetas, interpretou-lhes em todas as Escrituras o que a ele dizia respeito” (Lc 24,27). Nessa passagem Jesus faz uma hermenêutica bíblica percorrendo o AT para mostrar que tudo se referia a Ele, tudo apontava para Ele. E no encontro com a mulher samaritana desloca o lugar geográfico do culto para a sua Pessoa.

Jesus lhe disse: Acredita-me, mulher, vem a hora em que nem nesta montanha nem em Jerusalém adorareis o Pai. Vós adorais o que não conheceis; nós adoramos o que conhecemos, porque a salvação vem dos judeus. Mas vem a hora – e é agora – em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e verdade, pois tais são os adoradores que o Pai procura. Deus é espírito e aqueles que o adoram devem adorá-lo em espírito e verdade (Jo 4,21-24).

Assim, depois da sua morte e ressurreição, o lugar da adoração vai ser no seu próprio corpo traspassado e ressuscitado: “Fazei isto em memória de mim” (Lc 22,19). Com o evento Pascal, chega-se ao ápice da Revelação.

²⁰ CEC 1115-1116.

²¹ CEC 515.



Estando Jesus já morto e ainda pregado na cruz, diz o evangelista João, um soldado aproximou-se, feriu-lhe o lado com uma lança e imediatamente saiu água e sangue (Jo 19,34). Os Padres da Igreja interpretam esse acontecimento como o nascimento da Igreja.²² Na ação do soldado que rasga o corpo de Jesus com a lança, pode-se fazer uma analogia com a ideia de um parto natural, naquele momento Jesus está como que em dores de parto, uma “criança” está nascendo. “O que está saindo do lado de Cristo visivelmente são os sacramentos da iniciação cristã, a água, como símbolo do batismo; o sangue, como símbolo da eucaristia”.²³

Após a ressurreição, Jesus permaneceu com os apóstolos por 40 dias e, antes da sua Ascensão, deu-lhes as últimas instruções: “Eis que enviarei sobre vós o que meu Pai prometeu. Por isso, permaneci na cidade até serdes revestidos da força do Alto” (Lc 24,49; At 1,5). Jesus vai ao Pai e, com o Pai, envia o Espírito Santo, o Espírito Santo vem e naquela manhã radiosa nasce a Igreja (Lc 24,50-53). Assim começa o Mistério da liturgia cristã.²⁴

3.3. No tempo da extensão

As narrativas bíblicas testemunham que, logo após Pentecostes, a comunidade primitiva cristã começou a se reunir para repartir o pão dando graças a Deus (At 2,42). Numa leitura pós-pascal, tendo feito a experiência do ressuscitado no primeiro dia da semana (Jo 20,19-23), entenderam que o domingo era o dia para a comemoração da Páscoa de Cristo e logo o chamaram Dia do Senhor (Ap 1,10). O Dia do Senhor era o próprio dia do Ressuscitado.²⁵ E é o Espírito Santo que gera a presença do Ressuscitado em meio aos seus reunidos no Dia do Senhor. Ele é a causa eficiente dessa Presença: “Quando vier o Espírito de Verdade, ele vos guiará na verdade plena, pois não falará de si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e vos anunciará as coisas futuras” (Jo 16,13).

O Espírito Santo vem para tornar Cristo presente em sua Igreja (Mt 28,19-20). As comunidades primitivas compreenderam que, por trás da experiência batismal, estava o movimento de anúncio e acolhida (At 2,38; 22,16). Assim, pelo batismo, os cristãos são enxertados em Cristo pelo Espírito Santo e passam a agregar esse “Corpo” e a tomar parte na Sua Páscoa (1 Cor 12,13; Rm 6,2-7). É a experiência de quem, crendo em Jesus Cristo, descobre

²² SC 5.

²³ JOÃO CRISÓSTOMO, Cat. 3,13-19: SC 50, 174-177.

²⁴ SC 6; CEC 1076.

²⁵ CARPANEDO, P., Um tempo para celebrar, p. 4.



que há uma força interna que o move, a *dynamis*/Espírito de Deus. Logo, sem a ação do Espírito Santo, o cristão não poderia participar do mistério pascal de Cristo, pois a salvação é a participação na Páscoa do Senhor.

Contudo, a salvação que Cristo veio trazer, por meio, do mistério da sua encarnação, vida pública, paixão, morte e ressurreição e gloriosa ascensão, não estava reservada como privilégio somente aos contemporâneos de Jesus de Nazaré, mas devia ser alargada e comunicada a todos os homens e mulheres (At 8,34-38; 10; 11; 16,13-16). Tudo isso foi integrado no culto, a própria celebração é uma espécie de culto escatológico que alimenta a esperança pela vinda do Senhor na Parusia (1Ts 5,1-2.23). Pois, Aquele que virá já está; é a própria vivência do *já e não ainda*.²⁶ A celebração de cada Eucaristia era, portanto, uma demonstração viva de como a Igreja primitiva acreditava e celebrava.

A missão da Igreja é, portanto, continuar a anunciar a obra da salvação, celebrando o mistério pascal de Cristo que se atualiza sacramentalmente em cada ação litúrgica, a fim de que os fiéis vivam e deem testemunho dele no mundo.²⁷ Mas, essa única, real e dinâmica presença de Cristo se apresenta na diversidade dos sinais sacramentais e cada um dos sinais possui uma capacidade diferente de nos oferecer a Sua presença.²⁸ Assim, “na liturgia eucarística, Cristo está realmente presente: nas espécies eucarísticas, de uma forma substancial e permanente; na Palavra; na pessoa do ministro e na assembleia congregada em seu nome”.²⁹

Durante a liturgia eucarística, esse sinal que manifesta a presença de Cristo na assembleia congregada se explicita quando, em três momentos especiais, o ministro “provoca” a assembleia dizendo: o Senhor esteja convosco, e a assembleia responde: Ele está no meio de nós.

O primeiro momento ocorre na proclamação do Evangelho, “a Palavra proclamada na assembleia é sinal da presença e da ação de Cristo, o qual atualiza sua mensagem”.³⁰ Quando o ministro profere a Palavra e a assembleia responde: “glória a voz Senhor”, naquele momento a Palavra sai da Escritura e se torna Presença, encarna-se na assembleia. Foi visto, anteriormente, que o agente eficiente do processo encarnatório de Cristo na liturgia é o Espírito Santo. Pois bem, foi Ele que, naquele momento, veio sobre aquela assembleia reunida e fez com que o texto bíblico se encarnasse, que se tornasse Palavra de

²⁶ SC 8.

²⁷ CEC 1067.

²⁸ CASTELLANO, J., Liturgia e vida espiritual, p. 162.

²⁹ IGMR 27; SC 7.

³⁰ CASTELLANO, J., Liturgia e vida espiritual, p. 163.



salvação. E aqui pode-se fazer uma analogia entre o que ocorre na assembleia naquele momento com a obra da Encarnação no seio da virgem Maria. Agora a encarnação acontece no seio de uma comunidade que também quer oferecer ao Senhor o “seu útero” para ser fecundado por uma Palavra.

O segundo momento dessa presença ocorre no prefácio da anáfora eucarística. A anáfora eucarística vai chegar no momento de uma presença que é tão forte, tão real, quando o pão e vinho haverão de se tornar o Corpo e o Sangue de Cristo. Naquele momento, quando a assembleia responde, mais uma vez, “Ele está no meio de nós”, faz a profissão de fé eclesial de uma Presença porque é a oração de um corpo. Na liturgia a Igreja terrestre se une a Igreja celeste para glorificar a Deus.³¹ Fica claro também que quanto maior for a disponibilidade individual de cada membro da assembleia, em deixar-se penetrar e ser tocado pelo Mistério, tanto mais se poderá chegar a um nível da abertura de Maria; é um processo de crescimento.

E o terceiro momento ocorre nos ritos finais. Naquele momento, tendo-se alimentado do corpo e sangue de Cristo e estando plenos da Sua palavra, não há nada mais a fazer do que ir em paz. Agora é o Senhor que irá peregrinar, através do fiel, pelas estradas da vida. Eis a missão da eucaristia dominical para cada batizado/batizada, continuar a comunicar a presença de Cristo no mundo, na família, na escola, na vida profissional, na sociedade; testemunhar sua fé cristã e injetar mais espírito de solidariedade entre seus contemporâneos, sobretudo na luta pela justiça no mundo e contra tudo o que desumaniza a pessoa humana.

Conclusão

O mistério pascal de Cristo, realidade salvífica, é o coração pulsante da fé cristã. Pelo *kerygma* apostólico a Igreja entende que esse testemunho máximo de sua fé ocorre na celebração litúrgica. “A este Jesus, Deus o ressuscitou, e disto nós todos somos testemunhas” (At 2,32).

Numa leitura retroativa, à luz de Ex 3,7-8, pode-se perceber que a economia da salvação é uma realidade pedagógica, dinâmica, orgânico-progressiva. Ex 3,7-8 já era uma profecia do mistério da Encarnação, da Páscoa de Cristo, da sua Ascensão, do evento de Pentecostes, do mistério da Igreja e do momento escatológico final com a Parusia. Em todos esses eventos se pode perceber a iniciativa e a primazia de Deus num movimento constante de descida

³¹ SC 8.



em favor do ser humano para o capacitar a subir. Ex 3,7-8 era, portanto, uma prefiguração do mesmo e único projeto de salvação de Deus, em Jesus Cristo, para todas as realidades criadas, o cosmo e a humanidade inteira.

O evento histórico da última ceia, a paixão, morte e ressurreição de Cristo aconteceram há mais de dois mil anos, mas continuam acontecendo com a mesma força e intensidade, todos os dias, no momento da celebração litúrgica, no aqui e agora da história e da existência humana. Na celebração litúrgica, o mesmo Ressuscitado, que está sentado à direita do Pai, está sacramentalmente na Igreja que, por sua natureza, é velada, mas é a presença d'Ele. A liturgia, hoje, faz memória do ontem, faz memória do mistério pascal de Cristo. A raiz do mistério pascal de Cristo é a Páscoa de Israel, e esta alcança a sua plenitude naquela. O culto divino agora é a própria Pessoa de Cristo, o centro é Ele, por isso, a liturgia não pode ser simplesmente um rito. A liturgia goza desse privilégio: Cristo está no meio de nós.

A liturgia é a passagem do Ressuscitado na história, no tempo de cada existência humana. Todas as vezes que o cristão dela participa, deixando-se tocar pelo Mistério celebrado, Cristo atualiza nele individualmente e no corpo eclesial a obra da Redenção. Esse é o Mistério que se esconde por trás dessa realidade. E quando o cristão compreende isso, percebe que, realmente, faz parte desse circuito de vida para o qual foi chamado e com a graça de Deus respondeu. Nesse sentido, a liturgia não é apenas uma série de coisas a serem cumpridas, observadas, preparadas, a liturgia é uma Pessoa a ser encontrada, ou melhor, uma Pessoa que se deixa encontrar.

Referências bibliográficas

ALBERIGO, G. O Concílio Vaticano II. In: ALBERIGO, G. (Org.). **História dos Concílios Ecumênicos**. São Paulo: Paulus, 1995. p. 391-442.

ALDAZÁBAL, J. **Vocabulário básico de liturgia**. São Paulo: Paulinas, 2013.

BÍBLIA de Jerusalém. 2. reimpr. São Paulo: Paulus, 2016.

CARPANEDO, P. Um tempo para celebrar. O Ano Litúrgico na *Sacrosanctum Concilium* (SC). **Revista de Liturgia**. n. 180, p. 4-8, nov./dez. 2003.

CASTELLANO, J. **Liturgia e vida espiritual**. Teologia, celebração, experiência. São Paulo: Paulinas, 2008.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulinas / Paulus / Loyola / Ave-Maria, 1993.



CONCÍLIO VATICANO II. **Constituição *Sacrosanctum Concilium* sobre a sagrada liturgia**. Brasília: Edições CNBB, 2018.

DE FIORES, S. A **“nova” espiritualidade**: as novas espiritualidades na Igreja desafiam o futuro. São Paulo: Editora Cidade Nova / Paulus, 1999.

DI SANTE, C. **Liturgia Judaica**. Fontes, estrutura, orações e festas. São Paulo: Paulus, 2004.

ELIADE, M. **O Sagrado e o profano**. A essência das religiões. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018.

INSTRUÇÃO GERAL SOBRE O MISSAL ROMANO. São Paulo: Paulinas, 2007.

JOÃO CRISÓSTOMO. Cat. 3,13-19: SC 50, 174-177. In: SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. **Liturgia das Horas**. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 416. v.II.

LÓPEZ MARTÍN, J. Liturgia. In: PIKAZA, X.; SILANES, N. (Orgs.). **Dicionário teológico o Deus cristão**. São Paulo: Paulus, 1998. p. 520-530.

MALHADAS, D.; DEZOTTI, M. C. C.; NEVES, M. H. M. (Orgs.). **Dicionário Grego-Português**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2008. p.118. v.3.

ROCCHETTA, C. **Os sacramentos da fé**. São Paulo: Paulinas, 1991.

TORRELL, J. P. **Um povo sacerdotal**. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

VENARD, M. O Concílio Lateranense V e o Tridentino. In: ALBERIGO, G. (Org.). **História dos Concílios Ecumênicos**. São Paulo: Paulus, 1995. p. 317-363.

Marta Chiara e Silva

Graduanda em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica
do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro / RJ – Brasil

E-mail: silva.martachiara@gmail.com

Recebido em: 30/08/2021

Aprovado em: 10/12/2021